

A REVOLUÇÃO FARROUPILHA NO CENÁRIO MUNDIAL DE SUA ÉPOCA E O PAPEL DA MAÇONARIA

Para melhor entendermos a Revolução Farroupilha é mister que passemos, em retrospectiva, uma vista de olhos sobre o cenário europeu, que sem sombra de dúvidas, sempre, no passado e ainda no presente, influenciou e ainda influencia, a história, a economia e a política Americana. Com a independência dos EUA em 1776, através de uma guerra que teve sua culminância em 1777, com os 10 artigos da confederação, e posteriormente com seu zênite em 1787, quando da promulgação da Constituição de Filadélfia, iniciou-se um processo revolucionário, que como um rastilho, percorreu as três Américas, de norte a sul, acendendo a flâmula libertária da luta pela independência neste continente. Quais as razões que orientaram os libertadores? Que tipos de interesses jaziam subjacentes a estes movimentos? As perguntas multiplicam-se e exigem respostas baseadas em pesquisas idôneas.

No século XVIII, século das luzes e das revoluções, vamos constatar um grande movimento revolucionário que interliga duas nações: França e Estados Unidos. A liberdade americana literalmente é um presente francês (não só a estátua que ornamenta Nova York). No período de 1765-1776, o governo inglês estabeleceu impostos novos sobre o papel selado, o vidro, e o chá. Os espíritos se exaltaram, em Bóston, sobretudo. Os americanos reclamaram o direito de votar os impostos e deitaram ao mar carregamentos de chá vindos da Inglaterra. Três anos mais tarde precipitou-se a guerra contra a metrópole. Washington dispunha só de 14000 soldados. Compreendendo o perigo designou Benjamin Franklin para conseguir acordos junto ao soberano francês Luiz XVI, obtendo deste, um tratado de aliança ofensivo e defensivo. Em 1781 Washington, Rochambeau, e La Fayette derrotaram o general inglês Cornwallis, em Yorktown, propiciando para sempre a independência americana, agora, reconhecida pela velha Albion. Mas esta vitória francesa, causou, posteriormente a destruição da sua monarquia, pois debilitada economicamente pela guerra no teatro americano, fator este que somou-se a outros enumerados pelos historiadores, tais como: a reforma, reclamações da nação, doutrinas dos filósofos e literatos (Voltaire, Rousseau, os enciclopedistas), impostos taxados sobre a burguesia, etc. Ora, desvendando-se o véu das aparências vamos constatar detalhes que passam despercebidos sobre a ótica de olhos comuns. Os historiadores, Manoel Rodrigues Ferreira e Tito Livio Ferreira, ambos maçons, ao relatarem no seu livro, a Maçonaria na Independência Brasileira (Editora Gráfica Biblos - 2 vol - pág. 108 á 118) identificam em Benjamin Franklin, um dos patronos da independência americana, como maçom. E vão mais longe, identificam duas maçonarias, uma azul e outra vermelha. A maçonaria azul seria a inglesa, anticatólica, protestante, que teria erguido as quatro colunas ou o governo "oculto" da Grã-Bretanha, que se exteriorizaria, conforme o preconizado por Guilherme de Orange, nas quatro instituições da nação inglesa, o Foreign Office, o Almirantado, o Banco da Inglaterra e o Intelligence Service. Ora, ainda conforme estes autores, a maçonaria azul, vai criar na França a maçonaria vermelha, visando desestabilizar a monarquia francesa, sua arqui-inimiga. Assim é que são criadas lojas francesas dirigidas pelo duque d'Antin e pelo conde de Clermont, dois teleguiados, no dizer dos autores. Em 1772 é fundado o Grande Oriente da França, e lá estão escritos os nomes dos revolucionários franceses ou intelectuais da mesma entre os conhecidos Rousseau, Montesquieu, Siéyès, Saint-Etienne. Assim funciona a Loja das Nove Irmãs. Mas se a maçonaria francesa é criada como "longa manus" da britânica, com finalidades escusas (atribuídas aos ingleses) ela adquire através de sua práxis um destaque maior, através dos ideais maçônicos refletidos por seus próceres, que aderem, a ideologia revolucionária e se traduzem no republicanismo que sob a égide de Napoleão, vai alastrar-se pelo mundo, como doutrina subversiva do *status quo* monárquico até então vigente. Com a morte de Luiz XVI, guilhotinado pela revolução, as monarquias européias, estabeleceram coligações contra a França (intituladas de Santa Aliança): a Inglaterra, a Prússia e a Áustria, posteriormente, Rússia, pois a revolução começava a exportar seu ideário através da implantação de pequenas repúblicas, na Holanda, Suíça e Itália. Napoleão logo, depois da campanha vitoriosa na Itália, empolga o poder e assume o controle do consulado. Em 1804 é coroado em Amiens, Imperador, posteriormente, decreta o Grande Bloqueio Continental à Inglaterra, não permitindo o acesso de suas mercadorias ao continente. Em 1807, Napoleão invade a Espanha e Portugal com tropas sob o comando de Junot. D. João VI, aliado inglês, vai fugir para o Brasil numa frota inglesa comandada pelo almirante Sidney Smith. Em 1812, Napoleão, num prenúncio da grande **débâcle** que se segue, expande seu império até Moscou que é incendiada pelos russos. Napoleão que foi a Rússia com um exército de 600.000 homens volta com um destroço de somente 20.000 homens. Isolado em Elba e posteriormente prisioneiro em Sta. Helena vê seu império destroçar-se. Mas o ideal republicano francês é disseminado pelo mundo inteiro através da trilogia da liberdade, igualdade, fraternidade. O império colonial espanhol destroça-se completamente. Simon Bolívar, perante reunião da Sociedade Patriótica na noite de 13 de julho de 1811 clama, segundo Indalécio Aguirre, no livro intitulado *Bolívar*: "Se discute em el Congreso Nacional lo que debiera estar decidido. I que dicen? Que debemos comenzar por una Confederación. Como si todos no estuviéramos confederados contra la tiranía extranjera! Que nos importa que Espana venda a Bonaparte sus esclavos, o que los conserve, si estamos resueltos a ser libres? Trescientos anos de calma no bastam? Se quieram otros trescientos todavia? ...Pongamos sin temor la piedra fundamental de la libertad sudamericana." Assim, se inicia a saga americana em busca pela liberdade. Também, em 1811, a 11 de abril, no Quartel General de Mercedes, José Artigas, patrono da independência uruguaia, no proclama de Mercedes, conforme Oscar Bruschera, fls. 66, brada: "A empresa, compatriotas! que o triunfo é nosso: vencer ou morrer seja nosso lema; e tremam, tremam estes tiranos por terem excitado vossa ira, sem advertir que os americanos do sul estão dispostos a defender sua pátria e preferen morrer com honra que viver com ignomínia em afrontoso cativeiro." É o mesmo Artigas que em 1819 escreve a Simon Bolívar oferecendo um tratado de reciprocidade afirmando: Unidos intimamente lutamos contra tiranos que intentam profanar nossos mais sagrados direitos. (Oscar Bruschera fls. 175). E é neste mesmo Artigas, que vamos identificar, no cerne do seu pensamento a idéia da Pátria Grande do Prata, que nos dá condições de entender a revolução farroupilha em razão do contexto geo-político onde está inserido o Rio Grande do Sul. Artigas sonhava com um país que estendia-se pelos territórios do que são hoje, Paraguai, as províncias argentinas de Corrientes, Entre-Rios e Misiones e as Missões Brasileiras, desenhadas entre os rios Uruguai, Iguaiçu, Bacacai e Santamaria. Ora, se com relação as ex-colônias espanholas a expansão napoleônica agiu como uma enzima catalizadora do processo de libertação, pois provocou a desarticulação da metrópole e a fragmentação dos Vices reinados que eram em número de quatro: o do México ou Nova Espanha, o da Nova Granada, o do Perú e o de Bueno Aires ou La Plata, com relação ao Brasil, houve exatamente o

contrário, pois a corte portuguesa deslocando-se da metrópole e transferindo-se para o Brasil, consolidou ainda mais o poder lusitano no continente americano protelando sua guerra de libertação e independência. Só em 1820, com a revolução constitucionalista na cidade do Porto, revolução esta sob a égide dos ideais republicanos franceses ali deixado pelos invasores é que o Rei português, Dom João VI, retorna a Portugal em 1821, depois de ter jurado uma constituição sem ao menos conhecer seu texto e ficando bem dizer, um títere das cortes preso como estava no palácio de Queluz. Neste momento é que vamos ter iniciado o processo de independência com resultados reais. Anteriormente já havíamos tido a Inconfidência, ideário maçônico, como atesta o triângulo que orna o lema *libertas quae sera tamen*, coincidentemente no mesmo ano de 1789, ano da revolução francesa e da proclamação do *Bill of Rights* Americano. Manoel Ferreira, estabelece inclusive vínculos da maçonaria brasileira com a americana neste respeito (fls 112) diz que o estudante, conforme autos da devassa da Inconfidência, José Joaquim de Maia teria entrado em contato com o embaixador americano em Paris, Thomás Jefferson, na faculdade de Montpellier. É ainda, o mesmo autor, que identifica na maçonaria azul, monárquica, instalada no Senado da Câmara de São Paulo, cujo representante maior é José Bonifácio de Andrada, que pretende a independência brasileira sob um regime constitucional monárquico e por outro lado, a maçonaria vermelha, instalada no Senado da Câmara do Rio de Janeiro, cujo prócer de maior envergadura é Gonçalves Ledo, que pretende o Brasil independente como república constitucional. São estas as visões que se digladiam sobre as aparências e os movimentos dos personagens históricos coadjuvados pelos interesses ingleses, maior potencia da época. A Inglaterra era o império onde o sol nunca se punha. Se perdesse os Estados Unidos, no entanto possuía Gibraltar, as Guianas, a África, o Congo, a Austrália, Nova Zelândia, a Grande Índia, Hong Kong, etc. E o Brasil, alinhava-se com a Inglaterra, pois D. João VI, era aliado inglês, tanto é que abria os portos as "nações amigas", leia-se para a Inglaterra. Simon Bolívar identificou esta união pois dizia: (Opus citae fl 317): ...Me han dicho, terminantemente, que yo debo ejercer el protectorado de la América, como medio de salvarla de los males que la amenazan, muy particularmente por la actitud hostil que ha tomado el Brasil contra Buenos Aires, ...Yo sé que emperador del Brasil está muy orgulloso con la protección que le dispensa Inglaterra, y si usted ha visto las relaciones que ha establecido sir Charles Stewart em Lisboa, conocerá que el emperador tiene razón, no solamente para estar orgulloso, sino para esperar mucho de Inglaterra. Además, no sería extraño que el emperador del Brasil esté destinado a ser el instrumento de que se valga la Santa Alianza para destruir nuestras instituciones liberales, comenzando por Buenos Aires que es la parte mas débil." Não é só Bolívar que identifica a ação dos interesses ingleses a afetar o hemisfério, o historiador León Pomer, ao analisar no Livro a Guerra do Paraguai, afirma, citando textualmente o Imperador brasileiro: Mauá (Irineu Evangelista de Souza) é o berço mais poderoso do capitalismo inglês nestas latitudes. Em 1862 produz-se uma grave tensão entre Saint James e o governo do Imperador. Nessa oportunidade Mauá apressa-se a atuar como mediador. O imperador afirma: "A título de que Mauá se metia nisso? Como banqueiro e homem de negócios com interesses e capitais intimamente ligados aos ingleses? É mais do que suspeito". Quem diz isto é o senhor Bragança. (fls 119 opus citae). É neste cenário que se dá a luta de secessão do Rio Grande identificada com a maçonaria vermelha, isto é, republicana. Os irmãos Ferreira, no Livro a maçonaria na Independência afirmam que os farrapos, quando tinham uniformes, os usavam da cor vermelha. Na bandeira gaúcha, também, como se pode verificar, estão todos os símbolos e as cores maçônicas. Assim passamos a resumir a revolução gaúcha, conforme o descrito por Paulo Bonavides, em sua história constitucional do Brasil (Ed. Paz e Terra - fls 175).

Em 1824, ano da outorga da Carta Constitucional pelo Imperador, após o golpe que dissolveu a Assembléia Constituinte, eclodiu logo após a revolução nordestina, cujo líder foi Frei Caneca. Esta revolução teria proclamado a confederação do Equador, com os mesmos ideais que adornaram posteriormente a revolução farrapa. Não conseguiu, no entanto esta revolução sobreviver mais do que algumas semanas, ao contrário da revolução gaúcha que sobreviveu anos. Se na revolução nordestina só nominalmente houve governo e organização estatal, não passando tudo de um esboço ou quimera, logo atropelada pela sucessão vertiginosa dos eventos militares adversos; aqui ao contrário, a República, uma vez proclamada, configurou-se qual um poder estabelecido, apto a sustentar por mais tempo, e não raro com algum êxito, as bases de uma organização de governo e Estado, em que avultou sobretudo a convocação e o funcionamento de uma Constituinte e a elaboração de um projeto constitucional. Aqui, exatamente, tínhamos como vizinhas duas repúblicas simpatizantes, adversas ao império e que simpatizavam com a causa dos insurrectos o que tornava, política e geograficamente, a sustentação da luta pelos riograndenses. Assim foi, que as tensões entre liberais (vermelhos) e conservadores (azuis) ou caramurus, aprofundadas com o que Felisbelo Freire caracterizou como os excessos imperiais relativos ao peso de exorbitantes impostos, pois "eram os produtos rio-grandenses vencidos pela concorrência dos platinos nos mercados gerais; ao Rio Grande faltavam serviços necessários ao seu desenvolvimento, parte de suas vendas eram drenadas em suprimentos à Província de Santa Catarina; cancelara-se a dívida do tesouro de São Paulo ao do Rio Grande, mas concedia-se àquele impostos de introdução de animais que este para ali exportava; e, não satisfeito, o Império criava direitos vexatórios sobre os chapeados, as esporas e os estribos." A chamada Guerra dos Farrapos principiou a 20 de setembro de 1835, com a deposição do Presidente da província, Antônio Rodrigues Fernandes Braga. Nesse dia, em razão do levante, embarcou ela para o Rio Grande onde se refugiou. Ocupada a capital, Porto Alegre, pelos revolucionários, empossaram estes perante a Câmara Municipal, na ausência dos três primeiros vice-presidentes, o quarto vice-presidente, Marciano Pereira Ribeiro. Bento Gonçalves, 5 dias depois, lavra um manifesto, de seguinte teor: "Conheça o Brasil que o dia vinte de setembro de 1835 foi a consequência inevitável de uma má e odiosa administração; e a que não tivemos outro objeto, e não nos propusemos outro fim, que restaurar o império da lei, afastando de nós um administrador inepto e faccioso, sustentando o trono de nosso jovem monarca, e a integridade do império. Sim compatriotas, devemos ao Brasil, que neste momento tem seus olhos fitos em nós, esta manifestação tanto mais sincera e pronta, quanto maior é o dever em que nos achamos de desvanecer os temores com que nossos inimigos o quiseram aclamar, acusando-nos de sustentar vistas de desunião e república. Desgraçadamente nesta província, como nas demais do Império, existe uma facção retrógrada adversa por princípios e interesses à nova ordem, de coisas, e inimiga implacável de todos aqueles que professam decidido amor às liberdades pátrias. O Governo de facção desapareceu de nossa cena política, a ordem se acha restabelecida. Com este triunfo dos princípios liberais minha ambição está satisfeita, e no descanso da vida privada, a que tão somente aspiro, gozarei o prazer de ver-vos desfrutar os benefícios de um governo ilustrado, liberal e conforme com os votos da maioria da província. Respeitando o juramento que prestamos ao nosso código sagrado, ao trono constitucional e à conservação da integridade do império, comprovareis aos inimigos de nosso sossego e felicidade, que sabeis preferir o jugo da lei ao dos seus infratores, e que ao mesmo tempo nunca esqueceis que sois os administradores do melhor patrimônio das gerações que vos devem suceder, que este patrimônio é a liberdade, e que estais na obrigação de defendê-la à custa de vosso sangue e de vossa existência." Se na realidade deste manifesto se caracteriza em realidade somente um rompimento com os conservadores corroborado pelo Vice-Presidente da Província, Marciano Pereira Ribeiro, que proclamava: "Viva a integridade do

Império ! Viva a união Brasileira ! Viva o Sr. D.Pedro II, Imperador Constitucional do Brasil ! Vivam os Riograndenses ! Viva o dia 20 de setembro ! " No entanto os caramurus, elementos conservadores, minavam a manifestação liberal imputando-a de separatista e anti-monárquica. Uma nova fase da guerra dos farrapos inaugura-se em 10 de setembro de 1836, após o combate ferido em 'Seival, quando o Gen. Antonio de Souza Neto, derrota as forças legalistas de Silva Tavares, desbaratando os contingentes imperiais. Animados pelo triunfo, no dia seguinte, em 11 de setembro de 1836, os vitoriosos, proclamaram a República do Rio Grande independente, liberando-se dos laços com o Império. É no Campo de Menezes que o chefe vitorioso em Seival, Antonio Netto , proclama: "Nós que compomos a 1 Brigada do Exército Liberal, devemos ser os primeiros a proclamar, como proclamamos, a Independência desta Província, a qual fica desligada das demais do Império e forma um estado livre e independente, com o título de República Rio-Grandense, cujo manifesto às Nações civilizadas se fará competentemente. Camaradas ! Gritemos, pela primeira vez: Viva a República Rio-Grandense ! Viva a Independência ! Viva o Exército Republicano Rio-Grandense! A independência será formalizada através da representatividade que a homologou nas sessões das Câmaras de Jaguarão e Piratini, respectivamente, em 20 de setembro e 05 de novembro de 1836. Embora Bento Gonçalves, pela ata gravada, tenha sido instituído como "Protetor da República e Liberdade Rio-Grandense" e seu primeiro presidente interino, quis o infausto que após o desastre militar da ilha do Fanfa, a 4 de outubro de 1836, o grande chefe militar da revolução, caísse prisioneiro dos legalistas, sendo que em substituição ao mesmo, assumiu a Presidência em Piratini, José Gomes de Vasconcelos Jardim.. Nesta mesma histórica sessão , a 6 de setembro de 1836, foi convocada uma Assembléia Geral e Constituinte para fazer a Constituição da República que nascia, confirmada através da representação feita pelo Gen. Souza Neto, em 23 de setembro de 1837, no campo das Asperezas. Neste mesmo ano, Bento Gonçalves que estava preso no Forte São Marcelo, na Bahia, se evade com a ajuda da maçonaria, através daqueles liberais, republicanos baianos, que neste mesmo ano vão promover a revolução denominada Sabinada. É este o relato dos Ferreira, opus citae fls 394: "Assim , no dia 28 de junho daquele ano, na loja *Virtude ao Oriente da Bahia*, "o irmão Secretário apresentou uma prancha do Irmão Bento Gonçalves da Silva, grau 18, de que ficou a Loja ciente, logo nomeados os Irmãos Guimarães, Manoel Joaquim e Marques para se dirigirem por parte da Loja ao dito Irmão e participarem-lhe que ela ficou inteirada, e que faria o que estivesse a seu alcance a fim de melhorar a sua sorte..."E no dia 30, na loja *Fidelidade e Beneficência*: "teve lugar igualmente a leitura de outra prancha dirigida pelo Irmão Rosa-Cruz Bento Gonçalves da Silva, preso no Forte do Mar por efeito de comoções políticas, fazendo ver o estado em que se achava, e à vista do que pedia o único recurso de lhe serem ministrados meios de ser mudado para uma prisão mais cômoda, onde fosse lícito falar aos seus amigos; do que, sendo a Loja inteirada, foram nomeados pelo Ir. Ven. para visitarem ao dito Ir. _ e lhe oferecerem os socorros de que ainda precisasse, ou estivessem ao alcance da Loja, os Irmãos Roberto, Tesoureiro e Orador Adjunto..." Era um dos fundadores da sociedade secreta o próprio comandante do Forte de São Marcelo. Bento Gonçalves, obtendo licença para nadar, pela manhã, embrenhou-se pelo mar a nado sendo recolhido na curva de uma onda. Conspiradores de chapéu alto esperavam-no em uma praia. Dias mais tarde um palhaborde do comércio largava mansamente os panos ao nordeste. Ia com farinhas para Pelotas e Montevideú. No topo do mastaréu a flâmula auriverde tremulava. Quem diria que entre os sacos brancos era devolvido aos pagos o homem da Setembrina ?" Este o relato dos Ferreira. A revolução reacendeu seu vô com o resgate de seu chefe militar e civil, mas só cinco anos após, em 1842, nos dias 29 e 30 de novembro é que realizaram-se duas sessões preparatórias da Assembléia Geral Constituinte, cuja solene instalação ocorreu, conforme estava previsto, a 1 de dezembro de 1842, na vila de Alegrete, então capital da República Riograndense. A Ata de instalação foi publicada no periódico oficial "Americano", nº 21, de 14 de dezembro de 1842, sendo que presidiu a sessão o deputado mais votado, Mártins Ávila.. Já nesta ocasião podia-se prenunciar um retorno a comunidade nacional que se adivinhava na linguagem utilizada por Bento Gonçalves no trecho de sua fala: "E assim que seu poder se debilita e se aproxima o dia em que , banida a realizada da terra de Santa-Cruz nos havemos de reunir para estreitar laços federais à magnânima nação brasileira, a cujo grêmio nos chama a natureza e nossos mais caros interesses." (Paulo Bonavides - opus citae - fls. 185) . Com efeito, o grande agente separatista não fora o ardor republicano da farroupilha, mas o despotismo da autoridade imperial, a propensão absolutista dos "caramurus", sempre infensos ao iluminismo do pensamento liberal. A revolução rio-grandense, abraçada à limitação de poderes e a legitimidade das prerrogativas de governo, buscava, de último, lograr o mais cedo possível o estabelecimento de uma ordem estável e constitucional, para não faltar às grandes promessas que ondeavam os estandartes da revolução. A 8 de fevereiro de 1843, foi apresentado à Constituinte de Alegrete, o Projeto da Constituição da República Rio-Grandense, subscrito pela Comissão Constitucional, composta por José Pinheiro de Ulhoa Cintra, Francisco de Sá Brito, José Mariano de Matos, Serafim dos Anjos França e Domingos José de Almeida conforme os parâmetros estabelecidos na proclamação anteriormente feita: "Os direitos do homem estabelecidos em princípios tão sólidos e duráveis como a moral eterna, a divisão dos Poderes Constitucionais firmada sobre a lei, a propriedade e a segurança individual combinada com o interesse e a segurança pública, a correspondência e harmonia dos direitos com os deveres do cidadão, eis os princípios e as condições do novo Pacto Social, eis a importante e árdua missão de vossos representantes." Com serenidade verbal, os constituintes de Alegrete assim concluíram sua proclamação aos riograndenses: "Completem a vossa obra e mostrai ao mundo o belo espetáculo de um povo, que por sua moderação é capaz de conservar a liberdade e por sua coragem sabe conquistar a independência." Bonavides, opus citae, fls 194, falando sobre o federalismo da república riograndense diz, que este "era ao nosso ver, uma forma de união que aceitava laços associativos com outros entes, desde que não importassem sacrifício da independência nem da autonomia , entendida a primeira como a plenitude do poder soberano. É de admitir, pois, que os farroupilhas, cercados da simpatia das repúblicas platinas, buscassem um meio de associação com seus vizinhos do Prata, mediante um provável pacto de natureza confederativa. Em consequência, a união constitucional, de teor federativo propriamente dito, esteve assim com toda a probabilidade longe dos desígnios revolucionários. Havia da parte dos riograndenses em relação aos platinos a mesma carência de identidade que determinara a dissolução dos vínculos da Província Cisplatina com o Brasil. Prevaleciam, por conseguinte, em mais elevado grau, as razões centrípetas de associação com o Império, mormente se este reconhecesse a autonomia riograndense ou antecipasse a mutação federativa, somente ocorrida com o advento da república, mas sonhada pelas correntes liberais desde o Primeiro Reinado. A solução federativa dentro da monarquia constitucional brasileira era na época tese altamente improvável. Entre Buenos Aires e Rio de Janeiro, o Projeto de federação do general farroupilha Bento Gonçalves parecia mais inclinado a eleger uma alternativa de todo distinta: a união com Montevideú, Corrientes e Entre Rios. O móvel maior da República Riograndense, cultivando assim relações externas rudimentares na Bacia do Prata, debaixo da oposição imperial, consistia sem dúvida em fazer vingar o germe federativo externo, como escudo para garantir a sobrevivência do projeto separatista em curso, uma vez que no Brasil a proposta de federação estaria fadada a não receber apoio das demais províncias, como os fatos da revolução, cabalmente, demonstraram desde o princípio. O caminho exterior passava pela soberania e a república; e só

depois se propunha a alcançar o refluxo federativo, como um estágio mais adiantado na concretização e consolidação da independência, logrando primeiro o apoio e a segurança de uma união com outras unidades republicanas vizinhas. Ao cabo da guerra civil, as lideranças farroupilhas já estavam, porém desenganadas de obter uma forma de união com seus vizinhos do rio da Prata. A mesma distância de cultura interesses que separara a Província Cisplatina do Brasil-Império apartava então os riograndenses dos povos do Prata. A recusa da federação trazia embutida a consciência política de que ela própria seria a perda da independência conforme se via no ânimo de Bento Gonçalves e Bento Manuel. Paulo Bonavides, citando o historiador Florêncio de Abreu, diz a fls 196, opus citae, que Rivera, este sim, explorando as necessidades dos revolucionários de conseguirem armas, gêneros e cavalhadas, divisava o sonho do Quadrilátero de Artigas (união do Uruguai - Corrientes - Entre-Rios - Rio Grande - Paraguai e Misiones), mas Bento Gonçalves não cogitava disto. Os fatores da política externa contribuíram fortemente, como se vê, para que a sorte dos chefes vencidos no movimento farroupilha contra o Império fosse tão distinta do destino daqueles que durante o Primeiro Reinado encabeçaram nas províncias do norte o republicanismo da Confederação do Equador. Não houve cárcere nem patíbulo para as lideranças farroupilhas. Ainda destroçado militarmente, Bento Gonçalves negociou a paz com o Barão de Caxias numa sólida posição, senão de força, ao menos de tranquilidade para quem já se achava definitivamente no fim. Mas tudo porque do outro lado da fronteira Rosas acenava com promessas sedutoras de um tratado de aliança, não havendo fantasma mais incômodo para o Império do que o caudilho da futura batalha de Monte Caseros. (fls 196) Assim, é , que para encerrar este trabalho, resgatando uma visão crítica da história, necessário se faz citar Eduardo Galeano, em "Las venas abiertas de America Latina", fls 406, quando clama, citando Simon Bolivar: "Nunca seremos dichosos, Nunca ! "e continua: "para que el imperialismo norteamericano pueda, hoy día, integrar para reinar en América Latina, fue necesario que ayer el Imperio Británico contribuyera a dividirnos con los mismos fines. Un archipiélago de países, desconectados entre sí, nació como consecuencia de la frustración de nuestra unidad nacional. Cuando los pueblos en armas conquistaron la independencia, América Latina aparecía en el escenario histórico enlazada por las tradiciones comunes de sus diversas comarcas, exhibía una unidad territorial sin fisuras y hablaba fundamentalmente dos idiomas del mismo origen, el español y el portugués. Pero nós faltaba, como señala Trías, una de las condiciones esenciales para constituir una gran nación única: nos faltaba la comunidad económica. Los polos de prosperidad que florecían para dar espuesta a las necesidades europeas de metales y alimentos no estaban vinculados entre si: las varillas del abanico tenían su vértice el otro lado del mar. Los hombres y los capitales se desplazaban al vaivém de la suerte del oro o del azúcar, de la plata o del añil, y solo los puertos y las capitales, sanguijuelas de las regiones productivas, tenían existencia permanente. América Latina nacia como un solo espacio en la imaginación y la esperanza de Simón Bolívar, José Artigas y José de San Martín, pero estaba rota de antemano por las deformaciones básicas del sistema colonial. Para nosotros, la patria es América, había proclamado Bolívar: La Gran Colombia se dividió en cinco países y el libertador murió derrotado: Nunca seremos dichosos, nunca ! dijo al general Urdaneta. Traicionado por Buenos Aires, San Martín se despojó de las insignias del mando y Artigas, que llamaba americanos a sus soldados, se marchó a morir al solitario exilio de Paraguay: el Virreinato del Río de la Plata se había partido en cuatro. Francisco de Morazán, creador de la república federal de Centroamérica , murió fusilado, y la cintura de América se fragmentó en cinco pedazos a los que luego se sumaría Panamá, el canal con categoría de república que inventó Teddy Roosevelt. El resultado está a la vista: en la actualidad, cualquiera de las corporaciones multinacionales opera con mayor coherencia y sentido de unidad que este conjunto de islas que es América Latina, desgarrada por tantas fronteras y tantas incomunicaciones."(fls 406 - 407). O texto de Galeano sintetiza, em suma, um diagnóstico histórico cáustico, a ser lembrado, neste dia histórico de setembro, mês em que nossos ancestrais lutaram com sacrifício das próprias vidas contra a opressão. Mês que contemplamos, impassivos, a uma invasão de uma nação irmã, com desrespeito fragoroso a autodeterminação dos povos (Invasão norte-americana do Haiti em 1994). Neste momento festivo em que se comemora as lutas do passado , revivendo na alma a trilha ou "lo sendero de la libertad" havemos de ter consciência que para edificarmos uma grande nação latino-americana, necessitamos, muito mais do que somente ideais políticos, construir laços sólidos que nos unam economicamente, devemos "voltar los ojos para nosotros" e assim não nos dirpersamos frente aos interesses estranhos a esta grande comunidade que é a América Latina. Lembramos aqui, a constituição diretiva e cidadã brasileira, que em seu art 4º, estabelece como um dos princípios fundamentais a ser alcançado pelo Brasil "a sua integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando a formação de uma comunidade latino-americana de nações." Esta é a saga de nossos antepassados, reescrita nos lineamentos do **MERCOSUL**, que resgata o grande sonho , hoje redivivo, de uma grande nação Latino-Americana.

Porto Alegre, 18 de setembro de 1994.

Sérgio Augusto Pereira de Borja

MESTRE MAÇON

Trabalho de Grau apresentado, como aprendiz maçom, na sessão comemorativa do 20 de Setembro em Homenagem a Revolução Farroupilha.

Loja Simon Bolivar - Grande Oriente do Rio Grande do Sul

Bibliografia Consultada:

1 - AGUIRRE - Indalécio Liévano - BOLIVAR Ediciones Cultura Hispánica del Instituto de Cooperación Iberoamericana - 1983 - Madrid;

2 - BONAVIDES - Paulo - História Constitucional do Brasil - Ed. Paz e Terra - ano 1990 - Brasília;

- 3 - BRUSCHERA - Oscar h. - ARTIGAS - Editorial Nuestra América - Montevideu ;
- 4 - FERREIRA - Manoel Rodrigues e Tito Lívio - A Maçonaria na Independência Brasileira - Gráfica Biblos Ltda. 1968 ;
- 5 - GALEANO - Eduardo - Las venas Abiertas de América Latina - Sieglo /vemtuno argentina editores sa - Montevideo - 1970 ;
- 6 - POMER - León - A Guerra do Paraguai - Ed. Global - 1981 - São Paulo ;
- 7 - Elementos de História Universal - Compendio - Livraria Paulo de Azevedo - 1923 - Rio de Janeiro;
- 8 - Constituição da República Federativa do Brasil.

PUBLICADA NA REVISTA O PRUMO DE SANTA CATARINA – FLORIANÓPOLIS EM DOIS NÚMEROS – I E II